

Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 361-374, set./dez. 2013

ENTRE CULTURAS, PESQUISAS, CURRÍCULOS E COTIDIANOS: uma conversa com José Machado Pais¹

Janete Magalhães Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil

Sandra Kretli da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil

Tânia Mara Z. G. F. Delboni
Universidade de Vila Velha – UVV, Brasil

José Machado Pais
Universidade de Lisboa, Portugal

Resumo

Aborda a sociologia da vida cotidiana, nas dimensões epistemológica e metodológica, como abordagem para a compreensão das atividades das culturas juvenis, das práticas curriculares escolares e dos processos de aprendizagem e criatividade no ensino e na pesquisa. Pontua como princípio orientador para o currículo escolar, a aprendizagem e o desenvolvimento da interconectividade entre escola e sociedade e, nesse sentido, argumenta sobre a abundância de informação e o caráter fragmentário do conhecimento no mundo contemporâneo. Afirma consoante a perspectiva da sociologia da vida cotidiana, a necessidade de verter conhecimentos cotidianos em processos de observação, experimentação e criatividade e focar, como meta educativa, o desenvolvimento de um saber que faça desse caráter fragmentário um princípio e um método, reunindo condições para que estudantes conectem o desconectado, potencializando experiências afetivas e político-sociais.

Palavras-chave: Currículo; Cotidiano; Culturas juvenis; Pesquisa.

Abstract

Addresses the sociology of everyday life, in epistemological and methodological dimensions, as an approach to understanding youth cultures, school curriculum practices and processes of learning and creativity in teaching and research. Points as a guiding principle for the school curriculum, learning and development of interconnectivity between school and society and, accordingly, argues about the abundance of information and the fragmentary nature of knowledge in the contemporary world. States according on the perspective of the sociology of everyday life, the need to shed everyday knowledge in processes of observation, experimentation and creativity and focuses, as an educational goal, the development of a knowledge that makes this fragmentary character a principle and a method, meeting the conditions for students to connect the disconnected, potentiating affective, social and political experiences.

Key words: Curriculum; Everyday life; Youth Cultures; Research.

José Machado Pais (2013) inicia a conversa sinalizando para os tópicos que iriam permear sua argumentação: primeiro concernente à natureza epistemológica dos conhecimentos cotidianos e a sua importância para a compreensão sociológica da realidade social; segundo, tomando o cotidiano como uma metodologia referente a uma “viagem” por algumas atividades que fazem parte das culturas juvenis, das práticas curriculares escolares e dos processos de aprendizagem e de criatividade no campo do ensino e da pesquisa.

Inicia, assim, dizendo que a sociologia do cotidiano não tem por objeto de estudo o cotidiano, por uma razão simples: o cotidiano não é um objeto empiricamente delimitável, como é, por exemplo, o objeto da sociologia da família, da sociologia da educação, da sociologia da religião etc.

Questionando se seremos capazes de verter os conhecimentos cotidianos em processos de criatividade no campo do currículo, do ensino e da pesquisa, afirma a necessidade de valorizar a vida cotidiana como algo que encontramos na experiência e na observação.

Ao questionar sobre qual método se pode *usar* para dar conta do vivido, lembra modos de estar que os pintores futuristas cultivavam quando pintavam uma pessoa debruçada sobre a varanda de uma casa: “Subiam até a varanda para experimentar as sensações plásticas de quem se debruça no balcão de uma varanda”. Esse método, de nos colocarmos no lugar do outro para melhor o entendermos, é usado pela fenomenologia, pela etnometodologia e pelas perspectivas *emic* desenvolvidas pela antropologia e etnosemântica. Desse modo, argumenta, da mesma forma que as rendeiras de bilros usam as orelhas de suas almofadas de trabalho para guardar tudo o que lhes possa ser útil – linhas, tesouras, moldes – também para os professores e pesquisadores, os ouvidos de suas escutas etnográficas são baús onde se guardam as falas do dia a dia, as observações que os levam à descoberta das subjetividades cotidianas. “É no cotidiano que se dá uma apreensão significativa do conhecimento intersubjetivo. Sendo assim, devemos, como nos ensinou Alfred Schutz, valorizar as falas do dia a dia, apanhadas em contextos pulsantes de significantes e significados”.

Produtoras de sentido, as palavras seriam os artefatos da subjetividade, ao serem tricotadas nas interações cotidianas, pois, dando *nome* a experiências de vida, convidam-nos a explicá-las. “Os nomes, dessa forma, dão origem aos conceitos sensibilizantes. Há que ver como os nomes rodopiam sentidos no linguarejo da vida cotidiana”.

Relata, nessa perspectiva, como, em suas pesquisas sobre culturas juvenis, não pode deixar de se surpreender com expressões linguísticas que os jovens estudantes usam para se designarem entre si. Pontua que essas nomeações podem ser reveladoras de como as culturas escolares resultam de um complexo processo de contestação, resistência e acomodação. Por exemplo, os chamados “bacanas” são os mais predispostos às sociabilidades enquanto que os apelidados de “baldas” ou “turistas” são os que mais contrariam as regras formais da escola.

Seja qual for a expressão utilizada, os apelidos podem marcar o jovem para sempre, de modo divertido ou ressentido. Por exemplo, apelidos que *exploram* características físicas: a uma jovem foi dado o apelido de “Porta-chaves” (por ser pequenina), entretanto ela não vai deixar de ser “Porta-chaves” mesmo quando caminha com sapatos plataforma. Um jovem

com o apelido de "Dentes de Mula", sofrendo com tal apelido, convenceu seus pais de que precisava de serviços odontológicos. Usou o *break* para fugir do apelido, os dentes alinharam-se, mas continua sendo o "Dentes de Mula".

Nesses jogos de nomeação, afirma Pais, os jovens ganham uma tal identificação com os apelidos que, frequentemente, os fazem transitar para suas sociabilidades na *internet*, usando-os como *nickname*. Aliás, em áreas rurais, os apelidos meio que ganham o estatuto de *patrimônio*. São herdados. "Ou seja, os filhos ganham os apelidos dos pais e acontece, até – não sei se aqui no Brasil – os apelidos virem a constituir o nome de registro".

Embora reconhecendo que os apelidos podem contribuir para o fortalecimento das sociabilidades escolares, postula que a escola nem sempre é um espaço de socializações integradas. Ainda que nela circulem afetividades, a escola pode, também, ser um lugar propício ao desenvolvimento de identidades socialmente desancoradas, que, em seus desencontros, acabam buscando socializações compensatórias. Pontuando uma reportagem sobre violência escolar entre os alunos, reproduz a opinião de uma professora: "Muitas vezes não conseguimos chegar ao seu sofrimento". E isso seria o que acontece com alunos submetidos a práticas de *bullying*. É também o que acontece com a estigmatização de crianças de determinadas pertencas étnicas, sujeitas a processos de discriminação. Ou seja, há crianças que entram em uma escola ideologicamente orientada pelo princípio da igualdade de oportunidades, mas que, na realidade, são mergulhadas no lodo da estigmatização. Outras vezes, essas crianças gostariam de ser compreendidas na sua diferença, mas acabam por ser tratadas como "iguais". É o que acontece quando não há uma preocupação com suas carências econômicas ou afetivas.

Pais argumenta que o rendimento escolar dos alunos também é determinado pelo que se passa à volta da escola. Por exemplo: como são vividos os afetos dos alunos? Quais as vivências relacionais e afetivas que orientam os sentimentos, as *imagens de si* dos jovens?

Há quem defenda, aludindo a Alessandro Barrico, que nossa sociedade passa por um processo de mutação protagonizado pelos bárbaros que existem à volta de nós e em cada um de nós. O que caracterizaria "esses bárbaros" seria a sua fugacidade, a capacidade de diversão rápida, o deleite em surfar as realidades à superfície. Como se não quisessem perder tempo em descobrir-lhes as profundidades. Os bárbaros procuram o caminho mais curto e mais rápido para o prazer. Em seu *surf* a superficialidade, esses bárbaros buscam *links* e conexões. À superfície encontram-se conectados: no *twitter*, no *facebook*... Entretanto, suas conexões nem sempre têm nexos. Ou seja, estruturalmente, podem tender para a desconexão.

Hoje, uma criança necessita se desconcentrar para ter a impressão de que está adquirindo experiências. Joga um videogame enquanto come pipocas, fala com a avó pelo celular enquanto vê televisão. Tarefas múltiplas encarnam novas formas de experiência, onde o que prevalece parece ser uma presença ambígua, uma permanente distração. É por isso que os psicólogos estão cada vez mais preocupados com a desatenção das crianças nas escolas, mas a escola pode e deve fornecer as chaves necessárias para a filtragem e tratamento adequado de avalanches de informação, nem sempre formativa, a que as crianças estão sujeitas. A hiperconexão que os jovens de hoje têm com o presente não

pode implicar uma desconexão em relação à temporalidade histórica. Será que concentração no presente deixa tempo para a memória? Será que a velocidade da informação e a obsolescência instantânea do que consumimos propicia o esquecimento, a memória curta? O certo é que os sentimentos tendem a ser, hoje, sentimentos fragmentados. Uma boa parte dos estudantes não compra nem lê livros inteiros. Estudam-nos, ou folheiam-nos, em fotocópias ou fascículos. Em outros casos, nem chegam a fotocopiar, nem anotam as fontes bibliográficas. Parecem viver numa cultura de cópia e cola.

Argumenta, nesse sentido, sobre o perigo de se conceituar o presente sem consciência histórica, pois, sem consciência sobre nosso passado, não sabemos quem somos nem como mapear o futuro. No entanto, essa abundância inesgotável de informações em que os jovens vivem, em uma ordem que privilegia o aleatório e o fragmentado, talvez signifique que precisamos de nos preparar para lidar com uma nova realidade, a do saber fragmentado. No futuro, a meta educativa talvez seja o desenvolvimento de um saber que faça do seu caráter fragmentário um princípio e um método. Como? Reunindo condições para conectar o desconectado. A criatividade pressupõe, justamente, conectar o interconectado.

Pontua, então, como princípio orientador para o currículo escolar, a aprendizagem, o desenvolvimento da interconectividade também com relação aos valores culturais. Afirma que tem constatado, em várias pesquisas realizadas, que os jovens abraçam valores aparentemente antagônicos, mas que eles conseguem essa *arte* de interconectar o que se pressupõe não conectável. Os jovens abraçam valores materialistas e pós-materialistas, *egoístas* e espiritualistas, individualistas e sociocêntricos. Para os jovens de hoje, os direitos sociais mais atrativos são os que, cotidianamente, se expressam no bem-estar individual, como é o caso dos direitos do consumidor ou dos que se centram em questões relacionadas com o gênero, a sexualidade, os estilos de vida, a qualidade da mesma.

Sinais desses novos estilos de vida, desses novos valores, dessas novas formas de cidadania sinalizam uma cultura de partilha, como se tem visto na Europa, nas recentes manifestações dos chamados “jovens indignados”. Nos seus acampamentos, essa cultura de partilha revigora-se nos cânticos que entoam, nas palavras de protesto que bradam, na comida que em conjunto confeccionam.

Nessas manifestações, os jovens ressaltam como valor a transformação do espaço público em uma arena de comunicação; a defesa da liberdade sexual e das minorias estigmatizadas; os apelos aos valores do amor e da espiritualidade. Nas redes sociais associadas às novas tecnologias de comunicação, cada vez mais, os movimentos sociais proliferam através de uma rede comunicacional que, como diria Habermas, não deixa de incorporar a arte. Os jovens se interconectam com facilidade, exploram, como ninguém, as redes sociais.

Nesse sentido, eles podem assumir o papel de revitalização da sociedade, pois são potenciais agentes de mudança social. E esse desafio é o que tem se tornado realidade, pois hoje, com as novas redes multimídia, assiste-se a uma contingência múltipla de linguagens e aprendizagens. As coexistências linguísticas estão dando lugar a convivências semiológicas, e a escola tenta acompanhar as mudanças com novas propostas educativas, cada vez mais presentes nos possíveis espaços e tempos da comunidade escolar.

Entrevistadoras: *A partir de sua fala sobre a necessária interconectividade entre escola e sociedade, de que modo as suas pesquisas contribuem para pensar as questões teóricopráticas e políticas curriculares?*

José Machado Pais: São as interconetividades entre escola e sociedade que dão sentido a uma educação realista e para a realidade, isto é, não divorciada da vida. Como dar conta dessas interconetividades? O que tenho valorizado é uma perspectiva metodológica que as procura captar, tomando o cotidiano como uma mediação. O que tenho desenvolvido, basicamente, é uma metodologia que se inscreve num domínio do saber, que é a sociologia da vida cotidiana, cujo objeto de estudo não é o cotidiano, não é a vida cotidiana. Por maior que o paradoxo possa parecer, a sociologia da vida cotidiana atua ao contrário de outras sociologias especializadas que se definem pela especificidade do objeto de estudo. No caso da sociologia da vida cotidiana, ela não cria esse objeto. A sociologia da família tem por objeto de estudo a própria família; a sociologia da educação tem por objeto de estudo a educação; a sociologia do trabalho tem por objeto de estudo o trabalho. Por essa lógica, por essa ordem de ideias, a sociologia da vida cotidiana teria por objeto de estudo a vida cotidiana, mas a vida cotidiana é onipresente! Está em todo o lado! Está no trabalho, está na escola, está no lazer – ou seja, como costume dizer, não é possível caçar, a laço, o cotidiano quando cavalga diante de nós. O cotidiano é o laço que permite dar *nós* de inteligibilidade ao social. Portanto, para mim, o objeto de estudo é o social. E o cotidiano? Entendo-o como uma perspectiva metodológica que nos permite enfrentar os enigmas do social. Por exemplo, o insucesso escolar. O que sobretudo me interessa não são os resultados de avaliação escolar que frequentemente se traduzem em insucesso escolar. O que sobretudo me interessa é descortinar os mecanismos sociais de produção do insucesso escolar. Para tal efeito, sugiro que se olhe a escola a partir das suas vivências escolares, cotidianas. O que tenho descoberto é que muitos jovens que não têm aproveitamento escolar não se sentem bem na escola. Aliás, os jovens não podem sentir-se bem na escola se, por exemplo, nela não são bem aceites pelo fato de pertencerem a uma família atípica ou a uma determinada minoria étnica. Ou se, não havendo em casa dinheiro, chegam à escola sem livros e materiais escolares.

O que proponho é uma leitura do social através do cotidiano. Trata-se de uma metodologia de inquirição que, no social, toma como relevante o aparentemente irrelevante; que toma como significativa o aparentemente insignificante; que toma como objeto de reflexão aquilo que se passa quando nada se parece passar.

Entrevistadoras: *Poderia desenvolver mais essa assertiva “[...] aquilo que se passa quando nada parece passar”? Como se dá esse movimento nas pesquisas com os cotidianos?*

José Machado Pais: Voltando ao exemplo atrás dado, do insucesso escolar, não basta olharmos as pautas de classificação para compreendermos o insucesso escolar. Há que deitar um olhar, teoricamente sensibilizado, a pequenos sinais comportamentais que podem denunciar, por exemplo, uma solidão emocional, nem sempre visível ou perceptível. Temo que alguns profissionais do domínio da Psicologia e da Pedagogia não estejam sensibilizados para a relação que existe entre sucesso escolar e bem-estar subjetivo dos estudantes. Ofuscados por perspectivas positivistas – nas quais não cabem conceitos como os de subjetividade – ou centrados que estão em comportamentos desviantes, problemáticos ou patológicos, acabam por desvalorizar o bem-estar de alunos e professores, pois o que os move é, exclusivamente, o rendimento e a produtividade, traduzido em pautas escolares. O bem-estar dos professores é também um dos fatores que condiciona o bom funcionamento escolar. Esta realidade é captável por um olhar guiado pela perspectiva do cotidiano, frequentemente centrada no que se passa quando nada se parece passar. Não significa que a sociologia do cotidiano seja uma sociologia do nada sobre coisa nenhuma. Ou seja, nem tudo aquilo que se passa no cotidiano é sociologicamente relevante, teoricamente pertinente. Temos que desenvolver uma sensibilidade teórica que nos permita ver o que pode ser relevante em termos de compreendermos as realidades que desejamos compreender. Aqui, no Brasil, ao que suponho, os professores são designados por pesquisadores não tanto por investigadores. Eu gosto da expressão “investigar” porque, etimologicamente, sinaliza a necessidade de explorar vestígios, investigar pequenos sinais, pequenos indícios. E essa é, efetivamente, uma metodologia que os investigadores usam, quer sejam policiais, pesquisadores ou professores. Sherlock Holmes, por exemplo, tem um caso para investigar. A sua estratégia é a de seguir pistas indiciantes. As pesquisas que mais me apaixonam são as que volteiam enigmas. Por exemplo, na escola, tentar compreender determinados comportamentos ou culturas escolares, situações ou fenômenos que nos criam algum desconcerto. Aí vamos apurar indícios, vestígios, levantar hipóteses. Mas não abraçamos uma hipótese com uma crença cega. Se a hipótese não se sustenta, deixe ela fora. Por vezes, em determinados contextos de pesquisa, de natureza mais positivista, o pesquisador toma uma hipótese de investigação como uma companheira que tem que acompanhar em todo o percurso de pesquisa. Uma metodologia em que o cotidiano aparece como uma *alavanca* de conhecimento é muito mais flexível e criativa: uma hipótese é somente uma possibilidade dentre outras.

Entrevistadoras: *Em seus livros, o senhor trabalha com temas e perguntas e, durante o percurso do livro, lança algumas questões e algumas provocações. Como surgem as questões, problematizações ou essas temáticas? Elas ocorrem durante o processo das pesquisas?*

José Machado Pais: Ah, sim. Há um ponto de partida. Pode ser uma curiosidade, um enigma: "Ah, por que isto ocorre desta maneira?". Paulo Freire, em sua "*Pedagogia da Autonomia*" falava da curiosidade espontânea como um impulso para pesquisar. O ponto de

partida para uma boa pesquisa é *ter* uma boa questão para pesquisar. É isso que move a pesquisa. Depois as hipóteses de investigação, naturalmente. Sem hipóteses de investigação a pesquisa não avança. Para a definição de uma problemática de estudo também é preciso ter sensibilidade teórica. A teoria é fundamental, devendo acompanhar todo o percurso de investigação. Ela não surge como um mero ponto de partida, como quem dá um chute na bola para dar início a um jogo de futebol. O esforço de teorização é um *continuum*, podendo revigorar-se com os achados obtidos durante o processo de pesquisa. É o que Strauss designa de “*grounded theory*”, uma teoria ancorada às descobertas do terreno.

Entrevistadoras: *Por exemplo, no livro **Nos rastros da solidão, ou quando pesquisou o tema da sexualidade, o senhor buscou alguns autores que trabalhavam com esse tema? Como é essa seleção dos teóricos que o acompanham?***

José Machado Pais: Ah, claro, procuro sempre fazer um “estado da arte”, ver os contributos que já foram feitos no campo de estudo, para impedir que tentemos arrombar portas já escancaradamente abertas. Observações defeituosas, ou a pura incapacidade de observar, são sempre expressão de défices teóricos. O que não se pode admitir é que o aguçamento da capacidade de observação fique restringido às limitações de um qualquer quadro teórico ou, pior ainda, à tentativa de forçar a realidade a adaptar-se à teoria. Aliás, ter a cabeça cheia de teorias não significa, necessariamente, ter capacidade para teorizar. No caso da pesquisa que realizei sobre a solidão, com quem aprendi mais foi com o José, um velho sem teto que encontrei nas ruas e que virou um amigo. Ele me ensinou que o sentimento da solidão flui num leito ladeado por laços e desenlaces de solidariedade. Ele me sugeriu que a solidão é, sobretudo, um sentimento que resulta de desencontros sociais. Ele me apontou o caminho da fuga à solidão, o da superação dos *desencontros* que a produzem. Mas poderia dar mais exemplos. Em minhas pesquisas sobre juventude li muitos livros sobre culturas juvenis, fases de vida, gerações, cursos de vida, concepções de juventude... enfim, sobre a própria construção social da juventude. E há trabalhos, de fato, muito interessantes sobre todos esses temas. Mas uma das mais preciosas pistas que me arremete à ideia de juventude foi-me dada por um guia-mirim, em Olinda. Valeu mais o que esse guia-mirim me disse do que uma quantidade abismal de livros que li.

Entrevistadoras: *E o que esse menino lhe disse/ensinou?*

José Machado Pais: Eu perguntei-lhe que idade ele tinha. Ele era um menino mesmo. Ele respondeu: "Quatorze anos". E eu "Quatorze anos?" Fiquei, assim, surpreendido, pois ele parecia ter uns oito anos. E ele replicou: "Não sabe? Nós aqui, em Olinda – e ele se referia ao meio social dele – só crescemos em idade". Ou seja, passam muitas privações que se refletem na aparência física. E as mãos não são de quatorze anos. As mãos são de gente adulta. Eu aprendi, depois, também com um livro que li sobre o trabalho infantil na colheita

do açúcar (“Trama doce-amarga”) que, efetivamente, se pode ser velho nas mãos. São mãos grossas, mãos gretadas, mãos do trabalho, mãos feridas pela colheita do açúcar. Então, quer dizer, agora, quando bebo um café e nele coloco açúcar, sempre tenho a consciência da coisa. Como nos ensinou Husserl, o “mundo da vida” não é só o que nos rodeia mas também é o “mundo percebido” enquanto objeto de consciência.

Entrevistadoras: *Voltemos à metodologia do cotidiano? Como se caracteriza?*

José Machado Pais: São dois os pilares em que assenta a metodologia do cotidiano: um deles corresponde à preocupação de ver a sociedade a nível dos indivíduos; noutro pilar radica o repto de ver como a sociedade se traduz na vida deles. Como endogeneizar as estruturas sociais no estudo das interações sociais cotidianamente vividas? E em que medida é que estas podem contribuir para a mudança social? O que proponho é a necessidade de recuperarmos para o centro da página do nosso debate teórico e metodológico as expressões culturais da vida cotidiana que têm ficado à sua margem. Para o efeito, há que encarar o cotidiano como um significante flutuante do real-social, outorgando primazia às experiências subjetivas, ao mundo de significações que as pessoas experimentam e compartilham, buscando mediações entre o particular e o global, o individual e o coletivo, o subjetivo e o objetivo. Sem perder de vista a historicidade do cotidiano, o desafio é o de desvelar o social através das imediaticidades do cotidiano. E isso depende, como disse, de uma sensibilidade teórica capaz de recapturar o social nos traços epidérmicos da cotidianidade. No Brasil, não posso deixar de valorizar os trabalhos que, na perspetiva da sociologia da vida cotidiana têm sido desenvolvidos por José de Souza Martins, da USP. Ele propõe que no lugar de uma “*pedagogia impositiva*”, se desenvolva uma “*pedagogia investigativa*”, isto é, capaz de inverter as formas ortodoxas de realização de entrevistas, transmitidas por manuais que impõem suas fórmulas rígidas. Neste modelo, um entrevistador, não dá possibilidades ao entrevistado de questionar o entrevistador. Era o que faltava! Pois é justamente isso o que falta para animar uma “*pedagogia investigativa*”. O entrevistador não faz só perguntas, cria condições para ser questionado, dando respostas que arrastam novos questionamentos e, então, gera-se uma relação de mútuo questionamento, uma relação dialógica que é muito rica, porque o pesquisador acaba por fazer perguntas que não estavam previstas. Segundo Martins, esta estratégia investigativa promove um saber compartilhado: um desejo de conhecimento que não é apenas o do pesquisador mas que se estende a quem pesquisa. Daí a sua função pedagógica.

Entrevistadoras: *Assim, na metodologia com o cotidiano, o direcionamento da pesquisa é alterado pelo próprio percurso da pesquisa, por aquilo com que o pesquisador se depara?*

José Machado Pais: Isso resulta de descobertas imprevistas no encontro com o estranho.

São descobertas que surgem de um aparente acaso, descobertas “serendipity”, como Merton a elas se referia. No entanto, elas ocorrem por haver uma predisposição para o questionamento: “aqui há gato”... mesmo quando do gato apenas vemos um abanar de rabo. Esta lógica de descoberta privilegia as interrogações, as problematizações, os indícios, as conjeturas, a enigmatização do social. Há que saber lidar com as descobertas inesperadas. Para tanto é necessário dar um passo em frente em relação às pesquisas orientadas por uma lógica de *demonstração*, de hipóteses de investigação que raramente são falsificadas, passando a valorizar-se uma lógica de *descoberta* na qual a realidade social se insinua, conjetura e indicia, através de uma percepção muito própria que a metodologia do cotidiano possibilita. Para mim, é nessa lógica de descoberta que surgem as pesquisas mais apaixonantes. No entanto, em alguns contextos de pesquisa, orientados por uma lógica de *demonstração*, pode-se dizer que *tudo* o que se questiona é o que se pressupõe. Collingwood, em sua *Idea of History*, reclamava que quando um historiador descobre o que ocorreu sabe já porque ocorreu. Pesquisas espartilhadas em tais moldes de rigidez, só nos permitem descobrir o que pressupomos... Portanto, temos que criar condições, contextos de descoberta. Para que isso ocorra, há que nos deixarmos surpreender pelo que nos rodeia e que, de tão familiar, nos parece tão desprovido de significado. O método? Para começar, é importante desenvolver uma “curiosidade espontânea”, usando a conhecida expressão Paulo Freire. *Curiosidade espontânea* – “Ah! Que interessante, deixe-me ver como é que isso ocorre”. O sentido do social pode ser revelado observando pequenos detalhes da vida cotidiana, desde que sociologicamente problematizados. Conta, também, a “curiosidade ociosa”, expressão cunhada por Veblen para sugerir que as indagações mais estimulantes surgem frequentemente em contextos de ociosidade. Em férias, por exemplo. Muitas das minhas pesquisas surgem, justamente, ou em um café, ou na praia. Não por acaso Weber reconheceu que as melhores ideias lhe surgiam em contextos descontraídos, como numa boa caminhada ou fumando um cigarro no sofá. Os filósofos da Antiguidade faziam alusão ao método peripatético. O método peripatético consiste em refletir andando. Curiosamente, o subtítulo de meu livro “Nos Rastos da da Solidão” recupera essa ideia: “*Deambulações Sociológicas*”. Eu gosto dessa ideia. *Deambular*, andar por aí. Em minhas pesquisas, frequentemente me vejo no papel de observador clandestino, envolvendo-me em observações invisíveis, como as dos anjos do filme de Wim Wenders, “*As Asas do Desejo*”. Descubro-me, então, como um etnógrafo urbano, observando paisagens percorridas a pé, deixando-me levar pelos sentidos do pelas pernas. É deambulando pelo cotidiano que o descobrimos como uma alavanca de conhecimento.

Entrevistadoras: *E sobre os processos de criação no cotidiano das pesquisas?*

José Machado Pais: Criatividade! Criatividade consiste em conectar o interconectado, vendo outra coisa para além do que parece ser. Portanto, há que descobrir ligações insuspeitas entre o que, à observação, nos é dado em fragmentos e tentar encontrar sentidos. Sentidos ocultos que nos permitem chegar a um nível de entendimento que tende, portanto,

ao inter-relacionamento. Não é o que fazemos quando montamos um *puzzle*? Num ou noutro caso o que prevalece é uma lógica de combinação assente em estratégias de *collage*. Infelizmente, com a fragmentação do conhecimento, determinada pela especialização, perde-se a capacidade de interconectar o não conectado. Ou seja, perde-se a criatividade. Por exemplo, uma visão retinal tem um núcleo central que é a fóvea. Os campos visuais nos são dados pela retina que, na periferia, nos permitem apanhar, digamos, os vultos, enquanto a fóvea, como núcleo central por onde emerge o nervo ótico (visão central), nos permite apanhar as miudezas, os detalhes. Ao perdermos essa capacidade de captar os detalhes, os campos da periferia visual conseguem alcançar os contornos do todo. Mas se se perde essa capacidade dos campos periféricos, os detalhes perdem todo o seu sentido. O particular não tem sentido se não estiver interconectado. Daí que a perspectiva do cotidiano, muito embora atenta aos detalhes, tenha que, necessariamente, os articular ao todo, através, digamos, de uma inscrição histórica, ou através de uma associação dos detalhes com outros componentes que permitem encontrar um sentido no fragmento, no detalhe.

Entrevistadoras: *Como é que o senhor pensa a relação entre currículos, cotidianos e conhecimento científico?*

José Machado Pais: Em uma linha mais positivista, reivindica-se que o conhecimento científico estabeleça rupturas com o conhecimento comum, na medida em que este é tomado como um suposto obstáculo epistemológico à produção do conhecimento científico. Digamos que essa posição radical positivista foi, entretanto, muito questionada. O conhecimento científico não é uma tradução do conhecimento comum. Não. Mas o conhecimento comum é uma preciosa matéria prima do conhecimento científico. Se não, por que é que teríamos nós de fazer entrevistas? Fazemos entrevistas para colher opiniões, modos de pensar, atitudes, retóricas que nos permitem, enfim, descobrir sentidos de vida. Claro que nada nos garante que aquilo que se diz corresponda ao que se sente ou se pensa, por isso as entrevistas são denominadas *entrevistas*, ou seja, há um *entrever*; não há um *ver*. Como quer que seja, temos de estar atentos às formas verbais, ao léxico, ao chamado calão, às gírias que os jovens usam, às linguagens que eles inventam e que são muito significativas, porque nos dão conta das incidências dos seus cotidianos. Os currículos, devendo ser produto de um conhecimento científico, não podem viver divorciados das realidades vividas por parte das suas populações alvo. Um exemplo. Pesquisas sobre as culturas juvenis evidenciam a estreita relação que os jovens têm com as novas tecnologias de comunicação. Isto dá que pensar. Não deveria a escola contribuir para a criação de novas comunidades educativas cada vez mais presentes no ciberespaço, por meio da Internet e das telecomunicações? Estas novas comunidades educativas facilitariam a circulação e produção de novos saberes, obrigando a reequacionar os fundamentos em que tem assentado a construção dos currículos escolares.

Entrevistadoras: *A sua metodologia de pesquisa nos provoca a romper com alguns clichês. A gente escuta, por exemplo, que a juventude não quer nada, a juventude não faz nada – um clichê que foi construído ao longo da história. Clichês que povoam a nossa sociedade, que circulam nos espaços escolares e não escolares vivenciados pelo jovem: "Os jovens não querem aprender", "Os jovens, hoje, não querem estudar", "Não se interessam pelo conhecimento". A gente escuta isso no imaginário. Então, os sentidos capturados nessas conversas com os professores nos possibilita ressignificar os clichês. Os jovens por vezes nos mostram, em suas ações, em suas práticas, coisas que rompem com esse discurso. E nós tivemos aqui, no Brasil, recentemente, o movimento social que nasceu dos jovens, chamando a população inteira para ir às ruas. O senhor acompanhou esse movimento?*

José Machado Pais: Sim, vivemos rodeados de clichês. Há muito que se apregoa a alergia dos jovens ao trabalho e ao próprio conhecimento. Também se tem propagandeado a inadequação da escola ao mercado de trabalho. Como lidar com os clichês? Questionando a realidade de onde eles emanam, a realidade que também permite a desconstrução crítica desses clichês. Em lugar dos clichês, redundantes em sua assertividade, o que importa é questionar a realidade vivida pelos jovens. Nas recentes manifestações juvenis, por quase todos os cantos do mundo, o que constatamos é que os jovens reivindicam trabalho, acesso à educação, melhores condições de vida. Eles clamam por um futuro. Se falha a capacidade de imaginar o futuro dá-se um refúgio no presente. A descrença no futuro leva alguns jovens a refugiarem-se no presente.

Entrevistadoras: *O senhor diz, em um de seus escritos, que a rua é, pelos jovens, reivindicada como um palco de culturas participativas. Então nos perguntamos: de que forma o senhor analisa esses fluxos de força que nascem nessas ações populares? Os jovens mostraram aqui, no Brasil, suas faixas, suas reivindicações. "Acorda, Brasil! Vamos nos movimentar!", esse era um dos chamados deles. De que forma esses movimentos rompem com esses clichês?*

José Machado Pais: Os clichês cumprem, frequentemente, uma função de manutenção e/ou reprodução da vida social. Na verdade, os jovens reivindicam o espaço público da cidade para se manifestarem, para se afirmarem. É o que se passa com jovens ligados ao *hip hop*, ao grafite, ao *break*, também ao skate. Eles desfrutam, portanto, da cidade e participam criativamente na sua produção, através de diferentes manifestações culturais. E lá está: cria-se o clichê de que os jovens não participam. Não participam porque os indicadores que são usados para aferir da participação juvenil são, frequentemente, indicadores que apenas nos dão conta de um tipo de participação captável por esses indicadores, próprios de uma cidadania formal, para os bem instalados na vida. Mas há outras formas de participação cívica e política, como as que decorrem de diversas manifestações culturais. Quando os jovens vêm para a rua, com suas reivindicações, eles apelam, como diz, a um despertar,

clamam por uma nova ordem social, exigem e exercem, à sua maneira, direitos de cidadania. Nesses fluxos de força os jovens mostram uma enorme capacidade de mobilização e de participação. O que constatamos é que o acesso às novas tecnologias de comunicação é relevante no envolvimento dos jovens com a cidadania. Com efeito, as novas tecnologias oferecem aos jovens um maior acesso à informação e oportunidades de ação, promovendo a partilha e debate de ideias, favorecendo um sentimento subjetivo de *empowerment* (empoderamento). Também verificamos que essas mobilizações aparecem ancoradas às «políticas de vida», como as designa Giddens. Há uma clara predisposição a um ativismo que se manifesta cotidianamente como uma «opção de vida», mas que não deixa de ter efeitos sociais, dados os apelos à mudança social. Daí que as faixas dos manifestantes coloquem em cena a ideia da equidade, de uma mais justa distribuição dos recursos económicos. Nesta reivindicada mudança social não há lugar para os clichês que a contrariam.

Entrevistadoras: *Vemos esses clichês com muita intensidade atuando nos currículos escolares, como se a visibilidade fosse pelos clichês, e não pela micropolítica, pelas redes de saberes, afetos, poderes. Essas questões atravessam mesmo o cotidiano da escola, mas vemos, também, que ainda nós ficamos presos a um determinado modelo, a um determinado padrão. E a gente não se dá conta de analisar esse cotidiano a partir das diferenças, a partir das suas singularidades. Como vê essa questão?*

José Machado Pais: Veja que até há clichês alimentados por alguns professores. Eu fui professor do ensino secundário antes de ser professor universitário e recordo-me de que, no início do ano letivo, ao final das primeiras aulas, na sala dos professores, os comentários [dos professores] tinham uma forte carga ideológica, campo minado de clichês : "Hum, essa turma vai ser uma turma de índios". Índio é também um clichê – não sei se aqui, no Brasil, se usa também essa expressão num sentido inaceitavelmente pejorativo, "ter um comportamento de índio" como equivalente a rebelde, inculto. E isso porque se viam três ou quatro jovens de gadelhas ou com um brinco e logo idealizavam ou indializavam os comportamentos, quando ainda não tinha havido um contato cotidiano entre professores e alunos. Assim surgem os estereótipos. Ao avaliarem os seus alunos em função das expectativas preconcebidas que sobre eles têm, há professores que convertem a avaliação escolar na confirmação das suas próprias profecias.

Entrevistadoras: *Como potencializar na escola as experiências político- sociais e de criatividade dos jovens? Como produzir currículos que não petrifiquem saberes, fazeres e afetos? Como produzir currículos com a diferença?*

José Machado Pais: As experiências do cotidiano são fundamentais para pesquisadores e

professores. Um bom professor tem que estar atento, no cotidiano, às experiências, aos processos de produção de subjetividades dos seus alunos. Há que estabelecer articulações entre os conteúdos curriculares e as vivências cotidianas dos alunos. O aproveitamento escolar passa pela valorização do significado que a escola tem para eles. O sucesso escolar depende também da satisfação de suas necessidades emocionais, afetivas e relacionais. A falta de amizades produz sentimentos de marginalização, de rejeição social. Como é que a escola pode contribuir para a integração de jovens que propendem para o isolamento ou para a indisciplina? A participação em atividades de grupo, sejam elas de natureza escolar ou lúdicas, pode favorecer o estabelecimento de redes protetoras, tanto mais necessárias quanto mais ausentes sejam as redes de suporte familiar. Então, há necessidade de uma educação sentimental que contorne a carência de afetos e assegure vinculações conviviais, conexões emocionais. A produção de currículos que contemplem a diferença só é possível se a escola se mostrar capaz de comunicar com culturas diferentes do seu padrão “normal”. O padrão-norma não respeita as individualidades, fecha-se em relação à diversidade. As novas comunidades educativas devem facilitar a circulação e a produção de novos saberes, possibilitando redirecionamentos nos processos de produção de novos currículos. Neste sentido, a escola deve atuar como uma plataforma de diálogo entre diferentes sensibilidades e necessidades, deve ser capaz de dar um nó na pluralidade de fontes de informação e de recursos de conhecimento, deve saber estabelecer uma interconectividade entre si mesma e a sociedade de que faz parte, fazendo uso dos diferentes meios de comunicação que circulam na sociedade e que dão sentido a uma educação realista e para a comunidade. Os jovens do hip-hop mostram-nos um caminho possível quando criam suas composições musicais através do *scratch*, da improvisação. Eles adotam a estratégia do *sampling*, isto é, da mistura de sons, por interconexão e obliquidade. Nada está desassociado da vida. Para o efeito, temos de aprender a interconectar informações, conhecimentos, linguagens e afetos, na base das vivências e experiências dos jovens do mundo atual. Há, porém, um galho difícil de quebrar. É o da burocratização que está ramificando por todo o sistema de ensino. A burocratização tende muito mais a reproduzir o existente do que a favorecer uma mudança de atitudes e práticas, de inovação e criatividade.

Nota

¹ Esta conversa com o renomado sociólogo do cotidiano, investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, José Machado Pais, aborda temas relacionados com currículos e culturas, cotidianos escolares e não escolares. Indica como se efetivam os múltiplos e complexos movimentos das pesquisas com os cotidianos. Compõem este texto as falas do Prof. Dr. José Machado Pais por ocasião de palestra proferida no II Seminário de Currículos, Culturas e Cotidianos, organizado pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Cotidianos e Culturas do Centro de Educação da UFES, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, em 16 de setembro de 2013, e as respostas dadas a perguntas formuladas pelas pesquisadoras Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva e Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni, em distintos momentos, durante os dias do evento, ou seja, entre o dia 16 e 18 de setembro de 2013.

Correspondência

Janete Magalhães Carvalho - Doutora em Educação; Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil.

E-mail: janetemc@hotmail.com

Sandra Kretli da Silva - Doutora em Educação; Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil.

E-mail: Sandra.kretli@hotmail.com

Tânia Mara Z. G. F. Delboni – Doutora em Educação; Professora da Universidade de Vila Velha – UVV, Brasil.

E-mail: tania.delboni@uvv.br

José Machado Pais - Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail:

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização
do entrevistado e dos entrevistadores.
